

## Ensino de literatura: identidade, territórios e deslocamentos em *Quarto de Despejo*

Ricardo Gomes Brasil<sup>1</sup>

Lilian do Rocio Borba<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma proposta de letramento literário no Ensino Médio fundamentada em Cosson (2014), que propõe o trabalho com literatura a partir do círculo de leitura semiestruturado, processo no qual as impressões do leitor são consideradas e por meio do qual o aprofundamento crítico da leitura é mediado pelo professor. O livro selecionado para esta proposta é *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, obra que permite ao leitor acompanhar o olhar de uma mulher negra que escreve de dentro da favela e sobre esse lugar. As discussões propostas neste artigo referem-se ao desafio principal de promover a autonomia leitora e o letramento literário, em que se prioriza a literatura nomeada como periférica com a finalidade de que o estudante agregue à sua leitura crítica os aspectos de construção identitária, bem como reflita sobre as imagens de territórios e sobre os deslocamentos desenhados na obra objeto de estudo. Um dos aspectos relevantes elaborados na condução das análises propostas é a concepção de que a obra é fundamental na constituição de Carolina Maria de Jesus como autora, uma vez que se apropriou do direito ao discurso denunciando a condição precária de vida de diversos brasileiros e desvelando ao mundo a condição do oprimido.

**Palavras-chave:** Literatura periférica; letramento literário; autonomia leitora; identidade, territórios e deslocamento.

### ABSTRACT

This article presents a proposal for literary literature in High School based on COSSON (2014) which proposes working with literature from the semi-structured reading circle, a process in which the reader's impressions are considered and through which the critical deepening of the reading is mediated by the teacher. The book selected for this proposal is *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, a literary work that allows the reader to follow the gaze of a black woman who writes from inside the favela and about this place. The

<sup>1</sup> Especialista em Literaturas de Língua Portuguesa pela UNIFESP, licenciado em Letras Português e Espanhol pela Universidade Camilo Castelo Branco. Professor de língua portuguesa, espanhola e literatura na rede estadual de São Paulo (SEDUC-SP) e na escola técnica estadual do Centro Paula Souza. Francisco Morato, São Paulo, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0682-0491>. E-mail: [ricbr\\_gms@hotmail.com](mailto:ricbr_gms@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística, na área de Sociolinguística, pela Universidade Estadual de Campinas (2006), e com estágios de pós-doutorado também pela Universidade Estadual de Campinas (2010 e 2014). Pesquisa sobre os africanos e a formação do português brasileiro. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1992). <https://orcid.org/0000-0002-3666-6280>. E-mail: [lilianbor@yahoo.com.br](mailto:lilianbor@yahoo.com.br)



discussions proposed in this article refer to the main challenge of promoting reader autonomy and literary literacy, in which literature designated as peripheral is prioritized in order for the student to add aspects of identity construction to their critical reading, as well as reflect on the images of territories and on the displacements drawn in the work object of study. One of the relevant aspects elaborated in the conduction of the proposed analyzes is the conception that the work is fundamental in the constitution of Carolina as Author, since it appropriated the right to discourse, denouncing the precarious condition of life of several Brazilians and revealing to the world the condition overwhelmed.

**Keywords:** Literature from suburbs; literary literacy; reading autonomy, identity, territories and displacements.

## 1. Introdução

O ensino de literatura no ensino médio geralmente é aplicado pela perspectiva voltada ao estudo das escolas literárias, suas características, o enredo e alguns aspectos históricos que contextualizam as obras. Por vezes, a leitura das obras literárias se dá de forma fragmentada ou com foco na aprovação em exame vestibular, o que não colabora com o letramento literário efetivo. Atualmente, com a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê a aprendizagem por meio de habilidades e o letramento literário, é possível haver uma contribuição mais efetiva para a aquisição da habilidade voltada às literaturas, seja a brasileira ou mundial.

O presente trabalho propõe como estratégia metodológica de ensino o de círculo de leitura *semiestruturado*, de Rildo Cosson, o qual prevê a autonomia do estudante ao realizar a sua leitura individual, subjetiva, em que se consideram as impressões do leitor, de forma compartilhada e coletiva. A presente proposta de círculo de leitura destina-se ao ensino de literatura para alunos do ensino médio, com o objetivo de motivá-los ao hábito da leitura e, ainda, promover o letramento literário. Para tanto, o professor é o mediador e deve considerar como parte do processo a leitura/interpretação realizada pelos estudantes.

Para o projeto de leitura, foi eleito o livro *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada* (doravante QD), de Carolina Maria de Jesus, no qual a questão identitária se constitui no



autorreconhecimento da autora enquanto mulher negra, mãe, periférica e Autora<sup>3</sup>. Os territórios de Carolina estão entre o centro da cidade de São Paulo e o local onde reside, a favela do Canindé. O deslocamento ocorre, por sua vez, com a mudança do olhar. Inicialmente, o da Autora, que vive na favela, e que fornece uma perspectiva interna que se desloca para o centro da cidade assim como move o olhar das pessoas que não vivem a sua realidade, pois ela aponta o que torna a periferia um *quarto de despejo* e o porquê de Carolina considerar a cidade de São Paulo como *sala de estar*.

## 2. Contextualização

Atuo como docente pela secretaria de educação estadual de São Paulo (SEDUC-SP) e em escolas técnicas do Centro Paula Souza. Considerando que cada uma das escolas tem um público e um contexto diferentes, em diversos momentos, percebi a busca dos estudantes por textos literários que lhes fossem mais *atrativos*. Lembro-me de que em algumas turmas da escola técnica propus a leitura de uma adaptação de *Tristão e Isolda*. Pedi que, como forma de avaliação, eles criassem *podcasts* sobre a leitura. O resultado das produções foi surpreendente, os alunos conseguiram realizar análises muito interessantes e, embora os questionamentos dos estudantes tenham sido diversos, o que me chamou atenção foi que alguns disseram que ficaram traumatizados com a leitura do livro. Entendi pelas justificativas dadas por eles que o suposto trauma estava atrelado à dificuldade que tiveram no processo de leitura, pois acharam o livro maçante ou, ainda, distante de seus interesses.

Na escola estadual, percebi que não há o hábito de leitura por parte da maioria dos alunos e, ao pedir para que leiam os *clássicos canonizados*, pareceu que para a maior parcela dos estudantes era um martírio. Para muitos, tal fato ocorre em virtude da falta de interesse

---

<sup>3</sup> Aqui adota-se Autora com letra maiúscula para representar que Carolina Maria de Jesus, conquistou o seu lugar como autora, pois não escreveu apenas um diário da vida na favela, e sim conseguiu realizar o deslocamento do olhar do outro para a favela, numa perspectiva real de dentro para fora. E mais, por ser resiliente em sua luta de inserção e reconhecimento pela elite que canoniza a obras literárias apenas por escritores que os representavam, velando a voz dos autores oriundos da periferia.



por literatura/leitura e, para outros que, mesmo tendo o hábito de leitura, por não se sentirem motivados a ler as *obras canônicas*, uma vez que estas não lhes despertam interesse genuíno. Vale destacar que em uma das aulas em que comentei sobre o livro *Quarto de Despejo*, falei da questão identitária de Carolina como mulher e negra, assim como a importância da autora para literatura brasileira quando um aluno contou que estava lendo e mostrou o livro *Memórias de Plantação* da Grada Kilomba, o mesmo que uso como referência neste artigo.

Com isto, percebo que faltam estratégias que propiciem motivar os estudantes que não têm interesse pela leitura, certamente por não estarem habituados. Mostrar aos estudantes leitores a importância de ler os livros canônicos justamente para que possam conhecer o mundo, a sociedade em diversos momentos da história, assim como notar que as obras fazem parte de sua cultura. Portanto, como docente, a partir do que aprendi nesta especialização, entendo que o letramento literário serve de base para que os estudantes sejam leitores autônomos. Além disso, para que eles, por meio das leituras dos livros que escolhem bem como das leituras que devem realizar durante a vida acadêmica, consigam realizar análises e perceber os aspectos identitários, os territórios e os deslocamentos propostos nas obras.

### 3. Fundamentação teórico-metodológica

O conceito de letramento literário de Cosson (2021) é o que norteia o projeto de leitura aqui proposto, que tem como um dos objetivos formar uma comunidade leitora, não limitada ao ambiente escolar, e sim formar o estudante de modo a prepará-lo para as demais leituras durante a vida, uma vez que se prioriza a autonomia do leitor e, com isso, subsidiar o trabalho docente no processo de letramento literário.

[...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. [...] em outras palavras, ela busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo. (COSSON, 2021, p. 12)



Nesta proposta, o docente busca estratégias para promover o letramento literário a partir da leitura de um livro, que não está atrelado obrigatoriamente ao cânone literário. A escolha da obra a ser trabalhada é um desafio que o docente deve vencer, pois se vive a dicotomia entre o cânone e o atual, o clássico privilegiado na sociedade e o marginalizado regado ao preconceito, do institucional e de sua própria escolha. Segundo afirma Cosson (2021), o cânone não pode ser abandonado.

Para embasar nossas discussões, iniciamos pelo olhar de Fernanda Rodrigues de Miranda (2010), que é especialista em autoras negras, sobretudo na vida e nas obras de Carolina Maria de Jesus. Considerando a perspectiva de uma mulher negra, favelada, marginalizada, que desconstrói os estigmas da favela, Miranda (ibid.) apresenta a Autora como uma escritora que fez denúncias sociais que refletem a realidade ainda atual. Miranda (ibid.) aponta as dificuldades quanto ao reconhecimento literário de Carolina como Autora, já que seu diário apresenta alguns desvios gramaticais e de grafia. No entanto, quando se observa a obra de Carolina sob a perspectiva literária e documental, nota-se que seu trabalho evidencia a construção da identidade a partir do gênero, da classe social e de raça.

Miranda concebe a literatura como território de pertencimento afirma que a produção de Carolina traz a trama de sua própria vida e faz da sua realidade objeto documental que narra a vida na favela em sua essência. Sua escrita acaba também atingindo o ponto fraco social: a favela que é regida pela falta de políticas públicas e, por consequência, traz a marginalização de forma alienadora dos que precisam viver nas comunidades. E mais, a pesquisadora demonstra a contemporaneidade das produções de Carolina, que narram a vida na periferia, ou melhor, na linha da pobreza, a favela que reforça a realidade de muitas pessoas ainda hoje. O sucesso da obra e a repercussão ocorrem por meio da voz periférica que desmistifica a marginalização, muitas vezes observada por pessoas que não vivem nas favelas.

Outro olhar interessante sobre a obra de Carolina é apresentado pela linguista e literata negra Conceição Evaristo (2005) que traz uma perspectiva sobre as mulheres negras na



literatura brasileira e sobre as composições femininas, mostrando a importância que estas produções apresentam em relação à representatividade de tais mulheres. No caso de Carolina Maria de Jesus, o diário mostra a imagem da mulher negra como mãe arrimo de família, que busca pela sobrevivência de sua prole, o que difere de outras obras que representam a mulher negra como *cuidadora* dos filhos de outros.

Grada Kilomba (2019) também mulher negra, é portuguesa, escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar e suas reflexões dão suporte a nossa proposta de análise uma vez aborda questões de negritude e racismo cotidiano, elementos frequentes na vida de Carolina. Kilomba retoma a questão do autorreconhecimento como pessoa negra, e sua persistência, elementos presentes em QD, obra em que se vê uma mulher negra, forte, que ama seu *cabelo rústico* e sua cor de pele. É perceptível que Carolina enfrenta o racismo e a marginalização.

#### 4. Objeto de pesquisa

O desafio relacionado ao ensino de literatura no EM está relacionado à falta de clareza para o estudante quanto à importância da literatura em seu processo de formação acadêmica. A problemática se agrava, pois a forma como a literatura é promovida não corresponde ainda efetivamente ao conjunto de habilidades e de competências estabelecidas pela BNCC, uma vez que preconiza desenvolver nos estudantes seu letramento literário. Infelizmente, as obras são trabalhadas de forma fragmentada e, por vezes, descontextualizadas, o que não colabora com o letramento literário e nem com a autonomia leitora dos estudantes.

##### 4.1. Objetivo geral

Cabe ressaltar que o objetivo principal desta proposta é proporcionar a autonomia leitora e o letramento literário a estudantes da segunda série do EM, a partir do contexto da literatura periférica no que diz respeito à construção identitária, às imagens de territórios e



aos deslocamentos presentes no livro *Quarto de Despejo*.

## 4.2. Objetivos Específicos

Aliado ao objetivo principal, temos como propósitos também:

Promover a leitura de literatura periférica propondo a reflexão sobre o contexto identitário e a empatia por meio da análise de *Quarto de Despejo*.

Propiciar ao estudante o letramento literário a partir de perspectiva periférica para que dialogue, através da leitura, com a realidade do mundo.

## 4.3. Desafio de aprendizagem, mediação e compartilhamento de experiências de leitura literária

Conforme referido acima, o projeto de leitura proposto<sup>4</sup> é destinado à segunda série do ensino médio. Para tal, considera-se a estratégia do *Círculo de leitura semiestruturado*, que consiste na prática de leitura coletiva e compartilhada de texto, que segue três etapas essenciais: a primeira é “[...]a preparação, que deve abarcar a seleção das obras, a disposição dos leitores e a sistematização das atividades” (COSSON, 2014, p.173). Neste caso, foi selecionado o *Quarto de Despejo*. Vale destacar, assim como descrito no projeto anexo, que é importante que o docente realize uma introdução na qual ocorra a apresentação do *Slam* como gênero poético oriundo da periferia, que auxilia a aproximação da literatura periférica.

A segunda etapa é “[...] a execução, em que se efetua o ato de ler, o compartilhamento e o registro da leitura.” (COSSON, 2014, p. 173) realizada durante os encontros de verificação e aprofundamento referente à leitura e, para efetivar o processo de letramento literário, como é evidenciado por Rildo Cosson:

Círculo semiestruturado: não possui propriamente um roteiro, mas sim orientações que servem para guiar as atividades do grupo de leitores. Essas orientações ficam sob a responsabilidade de

---

<sup>4</sup> O referido projeto está em disponível como anexo do artigo.



um coordenador ou condutor que dá início à discussão, controla os turnos de fala, esclarece dúvidas e anima o debate, evitando que as contribuições se desviem da obra ou do tema a ser discutido. (COSSON, 2014, p. 159).

Neste caso, o professor é o coordenador que media o processo durante os encontros entre os leitores (estudantes), realiza a intervenção na leitura por meio da discussão de elementos como de identidade, territórios e deslocamentos construídos na obra objeto de leitura, e o professor também discute o porquê do livro escolhido ser classificado como literatura periférica. E mais, aprofunda os aspectos ligados à identidade da Autora como mulher, negra, mãe, escritora, poeta. Como se dá a relação do território na obra, assim como o deslocamento é efetivado no livro. Vale lembrar, que estes temas serão explanados no próximo tópico. É uma boa oportunidade para o docente introduzir outros autores *canônicos*, que podem contribuir com a temática da identidade negra, como as obras de Castro Alves, Machado de Assis e outros autores/autoras.

E, finalmente, a última etapa é a avaliação, que “[...] pode focar as fases do compartilhamento, o processo de seleção das obras ou qualquer outro aspecto que permita o aprimoramento das ações do grupo” (COSSON 2014, p.173). Neste projeto, essa etapa, se dá por apresentações em diversos formatos, como *podcast*, vídeo e adaptação da obra, que serão socializadas em um sarau. Também se considera o processo de letramento literário e a autoavaliação dos estudantes.

## 5. Análise, discussão e resultados esperados

Este trabalho propõe que os estudantes sejam letrados literariamente por um livro que lhes desperte o interesse e que dialogue com suas realidades. O estudo literário no ensino médio está, em geral, atrelado estritamente às obras que são exigidas pelos vestibulares. Vale destacar que QD já foi exigido pelos principais vestibulares de universidades públicas e para o ano de 2022, de forma específica, pelas universidades estaduais de Londrina, Maringá e pela Federal da Grande Dourados, como leitura obrigatória.





De acordo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino médio tem a perspectiva de desenvolver competências e habilidades voltadas à leitura integral e ao letramento do estudante. No que tange ao objetivo deste trabalho, as competências de linguagem e suas tecnologias consideradas serão as competências 2 e 6 e a habilidade EM13LP49:

Habilidade: EM13LP49 - Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc. para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura (BNCC, 2018)

Tal habilidade e tais competências relacionam-se ao processo identitário, que é possível perceber em QD. Justamente pelo reconhecimento de Carolina sobre sua afrodescendência, suas características como mulher negra, mãe e escritora. O que ajuda a compreender a necessidade do respeito às práticas sociais da linguagem e o respeito à importância da obra, bem como o combate ao preconceito relacionado ao sujeito dito periférico. Sendo assim o letramento literário desenvolve o protagonismo, a criticidade, o respeito à diversidade de saberes, a construção de identidades e o entendimento crítico de culturas diversas. Além disso, também aprofunda a habilidade EM13LP49 pois, sendo QD redigido em forma de diário, permite analisar o mundo pelo olhar subjetivo do outro, que acaba dialogando com o olhar do leitor/estudante.

## 5.1 Construção identitária da Autora

Carolina Maria de Jesus, mineira, solteira, mãe de três filhos, catadora, poeta e escritora, mulher negra, se recusava a ocupar o espaço que a sociedade impunha aos negros e pobres, à margem da sociedade. Miranda (2010) refletiu sobre essa característica de Carolina:

Com efeito, a intersecção das categorias de raça, gênero e classe esteve tão amplamente presente na recepção da obra de Carolina que seu surgimento como escritora e imediato reconhecimento, para os setores ditos de esquerda da época, veio como uma luva preencher uma lacuna havida entre aqueles que tinham direito ao discurso no contexto da década de 1960: o valor de sua expressão escrita foi irremediavelmente relacionado ao fato de ela ser, a um só tempo, mulher, negra, mãe solteira, pobre, semianalfabeta, migrante, favelada, chefe de família e catadora de lixo,



numa soma de fatores que legitimavam seu discurso como a voz de denúncia da condição do oprimido. (MIRANDA, 2010, p.6)

Miranda (op cit.) acrescenta ainda que QD garantiu o reconhecimento de Carolina como escritora imediatamente, apropriando-se do direito ao discurso, dando voz à periferia marginalizada, voz essa que denuncia a condição precária de vida de diversos brasileiros, desvelando ao mundo a condição do oprimido. E assim, conquistando seu lugar como Autora.

### 5.1.1 Carolina, mulher negra

Inicialmente é necessário compreender o conceito de *negritude* pois, ideologicamente, este conceito é recorrente na obra estudada. Conceito explicado por Zilá Bernd em seu livro *O que é 'Negritude/negritude*, em dois sentidos:

Em sentido lato, negritude – com n minúsculo (substantivo comum) – é utilizada para referir a tomada de consciência de uma situação de dominação e discriminação, e a consequente reação pela busca de uma identidade negra. Nesta medida, podemos dizer que houve negritude desde que os primeiros escravos se rebelaram e deram início aos movimentos conhecidos por *marronnage*, no Caribe, *cimmarronage*, na América Hispânica, e quilombismo, no Brasil, iniciados logo após a chegada dos primeiros negros na América. [...]

em um sentido restrito, Negritude – com N maiúsculo (substantivo próprio) – refere-se a um momento pontual na trajetória da construção de uma identidade negra, dando-se a conhecer ao mundo com um movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo. (BERND, 1988, p. 20).

Em QD deve-se considerar o significado mais amplo. Carolina Maria de Jesus, representa muito bem a militância e o inconformismo demonstrando que, ainda em situação de favela, a mulher negra (a pessoa periférica) tem direito de escrever e de se tornar Autora.

Sobre a identidade negra, a obra traz a questão de negritude em que é frequente o autorreconhecimento em ser negra, ou melhor, preta, como a Autora afirma. Ela se reconhece como preta num país em que a cor da pele carrega preconceito e discriminação, contudo, ela afirma sobre a sua a beleza negra ainda que adversa à visão imposta pela sociedade em sua época.



[...] – É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo do branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações. Eu quero voltar sempre preta. (Jesus, 2020, p.64)

A comparação entre os cabelos de pessoas pretas e de pessoas brancas mostra a sua consciência entre as diferenças e destaca sua beleza em ser negra apresentando orgulho do cabelo e da cor de sua pele. Com isso, é necessário estabelecer conexão à temática de negritude estabelecida por Grada Kilomba em *Memórias da plantação episódios de racismo cotidiano*, que ilustra como o racismo cotidiano afeta as mulheres e os homens negros, de acordo com a cultura colonial, que impõe à pessoa negra como seu inferior, seja pela política do cabelo ou pele.

[...] Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa de servidão do período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor de pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. [...] Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial em um protesto contra a opressão racial. Elas são políticas que moldam as posições das mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza. (KILOMBA, 2008, p.127)

Carolina tem orgulho de seu cabelo rústico, se reconhece e sabe a importância e a força em ser negra. A discussão apresentada por Kilomba (2008) confirma o que foi afirmado, uma vez que a Autora, antes dos movimentos de negritude se consolidarem, já se reconhecia como negra. Este fato é o que motiva outras mulheres a sentirem orgulho em serem negras, desprendendo-as dos estigmas coloniais que impõem um padrão *branco* de beleza.

Por ser mulher solteira e mãe solo, as outras mulheres da favela argumentam que ela precisa ter marido, ainda mais por ter filhos. No entanto, Carolina não se identifica com o status de casada e prefere ficar só. O que a motiva a manter-se solteira é observar a vida das mulheres casadas da favela, pois há casos em que as mulheres são as que sustentam os maridos, são agredidas e vivem num regime de relação em que são submissas e oprimidas. Carolina afirma:

E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu



tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.

Não casei e não estou descontente. Os que preferiu-me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (JESUS, 2020, p.23).

Ser solteira é sinônimo de liberdade para Carolina, por não estar presa aos afazeres incutidos ao casamento, pode escrever e ler quando quiser, crê que sua rotina de escritora e de leitora incomodaria o marido, ou melhor, seria incomodada caso tivesse um marido. Já que os modelos de casamentos que vivenciava não eram dos melhores. Ainda que não adepta ao casamento, tinha seus namoros, no entanto, não se via em matrimônio. [...] “E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passa sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal.” (JESUS, 2020, p.52)

Para a Autora, estar solteira, ser mãe solo e ser arrimo de família não é problema, uma vez que a convenção social pouco lhe importava. Argumenta que homem não iria gostar de uma mulher que tem desejo existencial de estar conectada à literatura, pois não conseguia viver sem ler e escrever. Este ponto de divergência é o que comprova que Carolina está à frente da perspectiva social em que vivia, já que ser mulher independente, que prefere estar só a estar à sombra de um marido que a impedisse de ser quem é.

### 5.1.2 Carolina e a literatura

A literatura é uma necessidade existencial de Carolina. A entrevista apresentada em QD na edição digital de 2013<sup>5</sup>, dá voz à Autora. Nesta oportunidade, quando questionada sobre o significado da literatura, ela responde:

– A transição de minha vida foi impulsionada pelos livros. Tive uma infância atribulada. É por intermédio dos livros que adquirimos boas maneiras e formamos nosso caráter. Se não fosse por intermédio dos livros que deu-me boa formação, eu teria me transviado, porque passei 23 anos

<sup>5</sup> Tal entrevista faz parte do livro digital publicado em 2013, está disposto como anexo, e traz uma minibiografia de Carolina.



mesclada com os marginais.

Como surgiu seu interesse pela literatura? Seria uma deslealdade de minha parte não revelar que o meu amor pela literatura foi-me inculcado por minha professora, dona Lanita Salvina, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse na minha mente. E consultasse o dicionário quando ignorasse a origem de uma palavra. Que as pessoas instruídas vivem com mais facilidade. (JESUS, 2013, p.169)

Percebe-se que a literatura é extremamente importante para ela porque foi o que mudou sua vida, tanto como leitora quanto como escritora. Vale destacar que foi a literatura, segundo a Autora, que possibilitou uma boa formação fazendo com que ela não se tornasse uma marginal. O relato também mostra que o incentivo à leitura e à escrita na escola pode mudar a trajetória de vida, assim como é importante o papel docente em criar condições para o acesso à literatura.

A partir do que apresenta Evaristo (2005), que deve estar presente na memória, Carolina Maria de Jesus recicla a miséria por meio do discurso díspar ao que se tem como hegemônico:

Não se pode esquecer, jamais, o movimento executado pelas mãos catadoras de papel, as de Carolina Maria de Jesus que, audaciosamente reciclando a miséria de seu cotidiano, inventaram para si um desconcertante papel de escritora. Carolina escrevendo obras como: O quarto de Despejo, O Diário de Bitita, Pedacos de Fome, apresentou uma escrita que para muitos veio macular uma pretensa e desejosa assepsia da literatura brasileira. Essas escritoras buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz à uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder. (EVARISTO, 2005, p.54)

Pelo excerto, é possível inferir a importância do discurso de mulheres negras na literatura brasileira tendo em vista que Carolina e outras escritoras negras desempenham o papel de serem porta-vozes de muitas/os negras/os. A *contra-voz* apontada por Evaristo (2005), desconstrói a figura marginalizada da periferia imposta pelo preconceito da elite. Vale destacar que o conceito de literatura periférica compreendido neste trabalho, o que propõe Oliveira (2017):

Para uma compreensão melhor de como se deu o surgimento e o desenvolvimento da estética literária periférica, é preciso ter claro que pré-existe uma tradição literária que por muito tempo tomou para si (no campo ficcional e ideológico) a tarefa de enunciar os desejos, os sonhos, as angústias e as esperanças das classes subalternas. Esses enunciadores, dos desejos alheios, não

58



raro, são romancistas, poetas, cronistas e letristas, oriundos de classes sociais opostas a daqueles que figuram como protagonista em suas narrativas. (OLIVEIRA, 2017, p.44)

Tal conceito desempenha a função de ir contra a cultura privilegiada por meio do *homem branco* o que detém o poder, e empodera os escritores que são classificados como periféricos. Vale destacar que a Autora com sua *voz periférica* motiva muitas Carolinas pelo mundo.

É importante entender que Carolina tem consciência de que está escrevendo um livro e que tem intenção de usar sua obra como propulsor para sair da favela e conquistar a tão sonhada casa de alvenaria. Assim também em suas outras obras, pois a Autora não se limita a escrever diários, mas escreve também poemas e até ficção. Ela escreveu por toda sua vida até seus últimos dias.

[...] Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (JESUS, 2020, p.26)

É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. (JESUS, 2020, p.33)

A leitura e a escrita para a Autora são fontes de prazer. O livro QD mostra sua rotina diária de leitura e a produção do seu diário. Sua filha, Vera Eunice, no programa *Nação* da TVE<sup>6</sup> conta que as folgas que a mãe tinha nos finais de semana quando trabalhava como doméstica se resumiam a ficar no escritório da casa onde devorava os livros da biblioteca particular, o que remete em seu diário a uma linguagem mais rebuscada e notas de Olavo Bilac e Castro Alves além de outros autores que lia. E foi neste ambiente que construiu parte de seu letramento literário.

Carolina afirma que, mesmo diante das afrontas e dos aborrecimentos, encontra na escrita refúgio, e é assim que controla seus impulsos, como já visto. O fato de escrever a transporta para um ambiente de fantasia, o que a distancia de sua realidade da favela. Usa o fato de estar nervosa como motivação para escrever diariamente. Em diversos dias, é notório

---

<sup>6</sup> Vera Eunice, filha de Carolina, participa do programa da TVE Nação: Carolina Maria de Jesus parte 1, relata momentos da vida da mãe. Disponível em: <https://youtu.be/E5V8SvEN2II>



que o desejo de escrever e de ler é constante e faz parte de sua rotina o trabalhar, o lavar roupa, o escrever e, ainda, o ler:

Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. (JESUS, 2020, p.20)

Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (JESUS, 2020, p.30)

Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas sintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silencio. (JESUS, 2020, p.40)

Saí de casa as 8 horas. Parei na banca de jornais para ler as noticias principais. (JESUS, 2020, p.100)

Essas passagens ilustram a necessidade que a Autora tem em sua prática leitora e escritora, assim como argumenta Evaristo<sup>7</sup>, que Carolina demonstra uma necessidade existencial em ler e escrever, e que a fome perpassa a necessidade fisiológica já que se trata de fome de literatura.

Em outra passagem, a Autora afirma: “[...] Os políticos sabem que eu sou poetisa, E que poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (JESUS, 2020, p.42). E isto confirma a sua autoidentidade como poetisa/escritora em lutar pelo povo oprimido. Nesse caso, também se encontra oprimida pela falta de políticas públicas voltadas ao povo pobre. “[...] E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas da favela, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo.” (JESUS, 2020, p.54).

Mais uma vez, Carolina se insere no mundo da escrita como poetisa/escritora e faz crítica aos poetas de salão. Para ela, tais poetas são os advindos de outros ambientes que não sejam a periferia e, por isso, não conseguem representar efetivamente o sentimento dos pobres. Para a Autora, o poeta que compartilha da favela, expressa toda a realidade que a elite se nega a ver. E mais, mostra que os políticos pouco fazem para auxiliar os pobres e que os

---

<sup>7</sup> Evaristo, no programa da TVE Nação: Carolina Maria de Jesus parte, Disponível em: <https://youtu.be/E5V8SvEN2II>



poetas/escritores periféricos têm a missão de dar voz à periferia. Os seus livros trazem esse potencial por se tratar de um olhar interno de quem vivencia a favela. Além disso, por sua autenticidade, acabou tomando posse da posição de Autora, lugar que no imaginário do homem branco não é lugar de uma pessoa negra.

## 5.2. Os territórios/lugares de Carolina e o deslocamento do olhar

Aqui temos os paralelos entre as duas realidades de Carolina: a cidade e a favela a partir da metáfora *quarto de despejo* e *sala de visita*. Retomando a entrevista, quando questionada sobre o porquê *Quarto de despejo* ser escolhido para o título do diário, ela responde:

[...] É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos. (JESUS, 2013, p.170).

A vida na favela começa neste momento, com o despejo das pessoas que moravam em habitações coletivas (cortiços) aliado à falta de política pública para habitação, conforme Santos (2018), nascem as primeiras favelas em São Paulo. Com isto, criam-se dois ambientes opostos que compõem a realidade de Carolina que alude à vida como catadora, ao trabalho, à busca pela subsistência e o ambiente em que pretende residir. Esta dicotomia perdura até hoje entre as favelas e a cidade, anos se passaram e a realidade é a mesma na vida de muitas Carolinas.

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

[...] Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, 2020, p.41)

O centro da cidade como a sala de estar com todo o requinte encontrado na sala de uma casa bem adornada, notam-se os detalhes que tornam a sala luxuosa, lugar de destaque tão sonhado por ela. Quando está na favela, Carolina também tem a impressão de ser um objeto fora de uso, o que justifica estar no quarto de despejo, que se relaciona a estar vivendo num





ambiente em que se despejam as pessoas. A situação do despejo leva Carolina a um ambiente com o qual não se identifica, nem com os vizinhos, nem com a vida que leva. Para ela, é necessário viver em um local mais decente.

E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um nucleo mais decente. (JESUS, 2020, p.21)

[...] Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os politicos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia pra intimidar os fracos. (JESUS, 2020, p.26)

[...] É os politicos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, 2020, p.41)

Ao mesmo tempo em que Carolina não se vê como favelada, tem consciência que caso ela não more mais ali, deixaria a condição de favelada. Por outro lado, ela se inclui no grupo de favelados, sentindo-se objeto alocado no *quarto de despejo*, metáfora que usa para mostrar que a favela é local de despejo humano, em que a miséria, a fome, a violência e a falta de saneamento básico alienam o homem à condição de favelado. “[...] Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado. Cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar pra cima. É igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela.” (JESUS, 2020, p.45).

A obra demonstra a situação em que ela vive e a dificuldade em andar limpa que se relaciona com as adversidades do dia a dia de quem vive nas favelas que, no seu caso, está entre comprar alimento ou sabão. Pela falta de dinheiro para comprar os insumos básicos, acaba tendo que escolher entre a subsistência ou a higiene, e sobreviver é a prioridade.

Aqui, observa-se que o *locus* no qual está inserida a torna favelada e, por consequência, a sociedade acaba a tratando como mendiga e ela se sente assim apesar de não se entregar e persistir lutando contra a situação em que vive. O fato de morar na favela e de estar chovendo a deixa na posição de mendiga.

[...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha



vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2020, p.59)

É possível observar na obra que a Autora tem a necessidade de criar um mundo de fantasia alheio a sua realidade, o que possibilita deslocar o seu olhar do ambiente que não lhe agrada já que a realidade que lhe cerca é infernal: o local em que vive há a miséria, os desgostos, bem como o seu sofrimento diário.

Em algumas passagens da obra que demonstram a paisagem da cidade através de um olhar subjetivo, que apresenta riquezas de detalhes que compõem o deslumbre que Carolina tem. Percebe-se a vontade de sair do *quarto de despejo* e morar na *sala de estar*. A Autora constrói uma imagem da favela por meio da negação, pois é o ambiente da *falta*, da impossibilidade e da interdição entre as paisagens ou territórios da cidade, contrapondo o que não se pode na favela. “[...] Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga.” (JESUS, 2020, p.41)

De forma metaforizada, a chaga aberta da cidade mais rica do país a favela, o problema habitacional, os problemas de saneamento básico, a falta de condições dignas de moradia e políticas públicas mesmo que existentes não sanaram os problemas que são frequentes não só na cidade de São Paulo, mas em todo país. A comparação entre o aqui (a favela) e o lá (a cidade), a leva a várias analogias e a crítica da situação em que São Paulo se encontra. Entre a que tem sua beleza e, por outro lado, desvela o lado doente da cidade, o lado que é esquecido ou ocultado aos olhos dos visitantes, pois a favela é a chaga aberta que mostra a desigualdade social latente.

A beleza da cidade também está no povo, nas mulheres e nas crianças que são bem vestidas em contraste com a realidade de Carolina, que se acostumou a andar suja, uma vez que, por muitos anos, vive como catadora e a falta de recursos agrava a sua situação de higiene. Durante sua rotina em busca do sustento, acaba apreciando as paisagens da cidade e, ainda,



como poeta/escritora consegue deslocar os olhares das dificuldades de sua vida mostrando como é a vida do pobre na favela.

O que é ruim chega a todos os brasileiros, sob o olhar da Autora, para quem a cor roxa representa a agrura em que vivem os compatriotas, assim como a falta do feijão reflete na vida das pessoas que moram na cidade, talvez porque esta mesma tristeza seja constante em sua vida na luta diária pelo alimento e pela subsistência sua e de seus filhos. Qualquer aproximação com os dias de hoje mostra que pouco mudou na vida de muitas Carolinas espalhadas pelas periferias do país.

### 5.3 Resultados esperados

Por meio deste projeto de leitura crítica baseada na proposta de Cosson (2021), espera-se atuar para proporcionar a autonomia leitora e o letramento literário de estudantes do EM a partir do contexto da literatura periférica no que diz respeito à construção identitária, aos deslocamentos do olhar e aos territórios textualmente construídos.

Neste processo o estudante deve tornar-se um *bom leitor*, que seja proficiente “[...] que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário” (COSSON, 2021, p. 27). Sendo assim, o aprendiz letrado literariamente deve compreender a interação, o diálogo entre autor-leitor e realizar a conexão com a realidade considerando o contexto histórico e de produção, realizar suas interpretações a fim de apreender a obra de forma integral e desenvolver o seu letramento literário.

Para tal jornada, foi selecionada uma obra classificada como periférica/marginalizada mas que possibilitou à Carolina conquistar prestígio e se tornar *cânone literário* pois, como já apresentado, o livro também compõe a lista literária de vestibulares pelo país. Vale lembrar que outras obras canônicas de autores afrodescendentes que abordam a temática pautada na questão racial como Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo etc., podem auxiliar a compor o processo e a ampliação de repertório



literário. Desta forma, efetivar o processo de letramento literário dos estudantes, considerando as competências e habilidades previstas na BNCC.

## 6. Considerações Finais

A literatura tem diversas funções na vida das pessoas. Uma delas é a função humanizadora que está relacionada à formação, seja acadêmica ou não. Outra função é a possibilidade de construção identitária que se desenvolve por meio do autorreconhecimento, assim como a reflexão pela *identidade do outro*. Neste caso, temos a literatura como recurso que permite ao homem enxergar/reconhecer o mundo de forma mais ampla, pela perspectiva do outro. Este artigo trouxe como sugestão a leitura do livro QD que demonstra parte das identidades forjadas por Carolina na escrita de seu diário, a qual, mesmo com grau de escolaridade baixo, exhibe a realidade de seus dias, inova e denuncia a falta de políticas públicas, a fome e a pobreza para as pessoas que vivem em regiões periféricas.

de que o estudante agregue à sua leitura os aspectos de construção identitária, as imagens de territórios e aos deslocamentos, incutidos na obra objeto de estudo, considerando a análise e as discussões propostas neste trabalho.

A mediação busca oportunizar o letramento literário, tanto ao grupo de alunos que ainda não desenvolveram o hábito de leitura, quanto ao grupo de alunos leitores que buscam ler obras *mais significativas*. Ao primeiro grupo, entende-se como necessário motivá-los para que desenvolvam o hábito de ler e, ao segundo, é preciso intervir de maneira que possam compreender a obra estudada dando sentido à leitura. Para isto, o docente deve dar importância à devolutiva dos alunos sobre as impressões de suas leituras da obra assim como também agregar, com sua análise da obra ainda mais elementos para complementar/ampliar o repertório leitor dos estudantes.

## 7. Referências Bibliográficas

BERND, Zilá. *A questão da negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.



BORBA, Lilian do Rocio. Literatura e Língua: perspectivas plurais. In\_\_\_\_: Módulo 3-*Ensino e pesquisa em literatura de línguas portuguesa: identidade, território e deslocamento: Brasil, Moçambique e Portugal, diferentes olhares*. Universidade Aberta do Brasil-UAB. Coordenação Geral do Núcleo UAB na Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP, 2020.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males* Revista do Departamento de Teoria Literária, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

\_\_\_\_\_. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. *Leitura compartilhada: uma prática de letramento literário*. Interdisciplinar. São Cristóvão. UFS. 2020.

EBLE, Tais Aline. LAMAR, Adolfo Ramos. *A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra hegemônica e identidade cultural periférica*. Campinas- Editora, 2015.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p.54. disponível em:

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – o diário de uma favelada*. Editora Ática, 1992, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. Editora Ática, 2020, São Paulo.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Carolina Maria de Jesus e a literatura periférica contemporânea*. UFJF, 2010.

\_\_\_\_\_. *Carolina Maria de Jesus: literatura e cidade em dissenso – Coleção outras palavras*. São Paulo: Escola da Cidade, 2017.

OLIVEIRA, Cleber José de. *Literatura modernista e literatura periférica: engajamentos intelectuais de representação e autorrepresentação*. Arredia, UFGD, 2017.

SANTOS, Renato Abramowicz. *Cartografias políticas de uma ocupação: cotidiano, território e conflito*. USP, Faculdade de FFLCH, 2018



## 8. Anexo - Projeto de leitura / letramento literário

### 1. Passo I: Definição e justificativa da prática literária e seleção do(s) texto(s)

#### 1.1. Público-alvo: 2ª série do ensino médio

#### 1.2. Tempo de Duração: 5 encontros com a carga horária de 2 aulas.

1º encontro: Partindo do conhecimento prévio dos estudantes sobre os temas “periferia” e “literatura periférica”, questionar aos estudantes sobre as suas expectativas com a leitura e a introdução docente sobre a obra e Autora.

2º encontro: Os estudantes precisam ter as primeiras 50 páginas da obra lidas, com ideias de impressões sobre a sua leitura, verificando a linguagem usada e se há desvios de ortografia.

3º encontro: os estudantes devem apresentar suas impressões e demonstrar a um trecho lido que represente as marcas identitárias de personagens tipos na sociedade/favela, e realizar conexão com o presente se ainda há pessoas que se enquadram nestes tipos (espera-se que tenha lido pelo menos até a página 100).

4º encontro: Com a leitura de pelo menos 150 páginas, serão elaborados mapas mentais como alguns temas presentes no livro, como: Fome, miséria, corrupção, desigualdade, favela, pobreza, em que os estudantes devem relacionar a fragmentos da obra, e ainda, se quiserem adicionar outras leituras que tenham realizado, textos que conheçam sobre o tema afins aos mapas. (Segue como sugestão para ampliação do repertório literário dos estudantes, incluir a análise de outros textos de autores afrodescendentes que compõem o cânone literário, como por exemplo, Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo etc.)

5º encontro: como culminância os estudantes devem mostrar o que apreenderam das leituras, nas mais diversas linguagens que quiserem, podcast, adaptação em teatro, poema etc.

#### 1.3. Definição da prática de letramento literário:

Círculo de leitura semiestruturado dividido em momentos para desenvolver o protagonismo juvenil, o docente é mediador das conversas e com espaço para que as equipes possam socializar suas análises e conduzir o encontro, num contexto escolar com textos que parte do canônico ao contemporâneo.

#### 1.4. Descrição da prática de letramento literário escolhida:

Os estudantes serão convidados a permear sobre o tema pobreza, fome e os direitos inalienáveis, a ideia é que faça uma leitura mesmo que com indícios de direcionamento docente possam trazer suas reflexões sobre o tema. E a partir do círculo de semiestruturado, pois permeia entre a mediação docente e a mediação e protagonismo dos estudantes.



### **1.5. Justificativa da prática de letramento literário escolhida e delimitação dos objetivos:**

Com foco no protagonismo estudantil e desenvolver a autonomia leitora dos discentes, nesta ocasião como prática de letramento literário, usar-se-á o círculo de leitura semiestruturado. Para atingir os seguintes objetivos:

Promover a leitura de literatura periférica com o objetivo de propor a reflexão sobre o contexto identitário e, a empatia por meio da análise de “Quarto de Despejo”.

Propiciar ao estudante, letramento literário a partir de perspectiva periférica, para que compreenda através a partir da leitura a realidade do mundo.

### **1.6. Escolha do (s) texto(s) literário(s):**

*Quarto de despejo: o diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.*

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo – o diário de uma favelada. Editora Ática, 1992, São Paulo.

### **1.7. Justificativa da escolha do(s) texto(s) literário (s):**

O quarto de despejo de Carolina de Jesus, que mostra parte do contexto da periferia pobre brasileira, que também se acercam ao tema favela partindo da crítica social, a obra se integra à disciplina Identidades, territórios e deslocamentos: a perspectiva brasileira. Tendo em vista que serão desdobrados os conceitos de identidade, territórios e deslocamento, a partir da análise do que o livro mostra sobre Carolina.

## **2. Passo 2: Motivação e introdução no processo de letramento literário**

### **2.1 Proposta de estratégias de motivação de leitura:**

A partir da mostra do gênero literário Slam, mostrar como a identidade negra está presente a partir do poema “Crespow” de Clayton Mendes<sup>8</sup>, que aborda a temática do cabelo crespo e os preconceitos incutidos ao olhar alheio/branco, e mais, aproximar a linguagem oral e a literatura periférica. Além do aspecto identitário apresentado pelo autorreconhecimento com fenótipo afrodescendente. E mais, a apresentação da poetiza Kimani, com o poema intitulado “Não tiram parda da minha identidade”<sup>9</sup>. Que acrescenta mais sobre a identidade negra e os dilemas do racismo cotidiano e da realidade das pessoas negras.

### **2.2. Justificativa das estratégias escolhidas:**

A ideia inicial é permitir que o estudante se aproxime dos conceitos e preceitos a partir das palavras favela e comunidade, as marcas históricas e a parte da identidade dos bairros

---

8 Vale destacar que o gênero literário Slam está presente no caderno do aluno Currículo em Ação volume 1 da Secretaria da Educação do estado de São Paulo, como uma situação de aprendizagem. Apresentação do poema Crespow, disponível em: <https://youtu.be/N-TMmpdwJk>.

9 Mostra de poema slam em TEDx São Paulo, disponível em: <https://youtu.be/kDPfTHMqc0E>.



periféricos. Com esta proximidade desenvolver uma leitura voltada a empatia e alteridade, de forma que possam ser autônomos quando participarem da leitura individual.

### **2.3. Proposta de introdução/apresentação da leitura literária:**

O objetivo é mostrar como a literatura periférica está se inserida na sociedade, já que, esta tem como primazia as composições com a estética literária mais voltada aos cânones. No entanto, a literatura periférica vem tomando seu devido espaço. E como a linguagem coloquial está mais próxima à modalidade usada pelos estudantes, se torna motivo para promover a proximidade à literatura. Vale lembrar, que se devem considerar as impressões dos estudantes, questioná-los se já conheciam o *Slam*, o que perceberam e como conceberam este gênero literário em que a oralidade predomina. Verificar os conhecimentos prévios sobre o que é o diário como gênero textual e registro. [<https://www.youtube.com/watch?v=QjqmuPw3NGk>]

### **2.4. Justificativa das estratégias de introdução/apresentação:**

A estratégia é que o estudante se aproxime da literatura periférica, a partir da análise dos poemas Slams, que tem uma temática paralela as tratadas no livro Quarto de Despejo, a identidade negra, o reconhecimento do cabelo rústico como parte identitária e herança da afrodescendência. Estabelecer a relação de empatia e respeito, pela identidade do outro, e desconstruir o preconceito/racismo cotidiano. Com esta proximidade desenvolver uma leitura voltada a empatia e alteridade, de forma que possam ser autônomos quando participarem da leitura individual.

A ideia é realizar uma sensibilização em que os estudantes possam refletir a importância de conhecer a obra, verificar como o tema ainda é presente no cotidiano, a respeito dos direitos das pessoas com o foco no combate ao racismo, preconceito racial, discriminação e construção de identidade. E assim, acercar o universo da obra lida com nosso cotidiano, verificar qual o sentido por meio da literatura compreender a temática, e mostrar por que é necessário que reflitam sobre o texto que será lido. E possam construir suas impressões, verificar se as hipóteses levantadas correspondem a que esperavam ou não.

## **3. Passo 3: Concepção e estratégias de acompanhamento de leitura no processo de letramento literário**

### **3.1. Proposta de concepção de leitura do texto literário:**

Com foco no livro Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, a leitura monitorada por roda de conversa (clube do livro) com sessões mediadas para que os estudantes possam demonstrar o avanço na leitura. Também devem considerar a linguagem, a construção da identidade da Autora/personagem, o que percebem pela rotina apresentada no diário de Carolina.

### **3.2. Justificativa da concepção de leitura do texto literário:**

Inicialmente o que se presa na leitura desta obra é como o diário de uma favelada se torna um livro reconhecido mundialmente. Arelado a reflexão de como os estudantes compreendem o livro, e a realidade da comunidade vivida pela Autora nos anos de 1950 e 1960.





Que estabeleçam a conexão com realidade atual a fim de apreender as críticas sociais presentes na obra. Com isto, perceber parte da construção identitária de Carolina, é visionária quando se considera o tempo e espaço vivido por ela.

### **3.3. Proposta de estratégias de acompanhamento de leitura literária:**

Nos encontros os estudantes deverão compartilhar em roda de conversa suas experiências ao ler a obra, o que lhes parece interessante, quais temas chamaram atenção. Nesta atividade, cada um deve realizar suas anotações para compartilhar e terem registro da atividade. Sendo que a participação oral é o que validará o acompanhamento de leitura.

### **3.4. Justificativa das estratégias de acompanhamento de leitura literária:**

A intensão é auxiliar os estudantes a demonstrar sua autonomia leitora, compartilhar suas impressões, sendo estas positivas ou não, a fim de que possam traçar suas leituras além do texto. Vale lembrar que este texto é real, retrata o dia a dia na favela do Canindé em São Paulo, que pode estar bem próximo à realidade de uns e tocar o sentimento de empatia em outros, assim como motivar o altruísmo. Por fim, o acompanhamento semanal ajuda a dar ritmo à leitura, assim como a verificação do aprofundamento leitor dos estudantes.

## **4. Passo 4: Atividades de interpretação do texto literário e processo de avaliação da leitura literária**

### **4.1. Proposta de atividades de interpretação do texto literário:**

Proposta de atividades de interpretação do texto literário: Apresentação para demonstrar aspectos exteriores. Para os aspectos interiores será realizado um Quis.

### **4.2. Justificativa das atividades de interpretação do texto literário propostas:**

As equipes de trabalho devem realizar uma apresentação sobre a obra objeto de leitura, que pode ser seminário, contatar parte do enredo atrelado ao contexto social, podcast ou outro tipo de apresentação para os aspectos exteriores. Para os interiores devem responder um quis realizado via Kahoot, ou outro app de jogo.

### **4.3. Proposta de avaliação da leitura literária realizada:**

Sarau de leitura: as apresentações sobre a obra será o objeto de avaliação que culminará em um sarau.

Diário de bordo/leitura: neste diário as equipes registrarão os acontecimentos de cada encontro e como será organizado a função de cada integrante.

### **4.4. Justificativa do processo de avaliação de leitura literária:**

Nesta oportunidade os estudantes devem escolher entre sua equipe como realizar a socialização de suas impressões sobre a obra, a fim de representar de forma mais lúdica, seja por apresentar uma adaptação da obra, podcast, vídeo ou uma paródia. Ficando livres para criar e apresentar no sarau de leitura. Vale lembrar, que todo o processo de letramento será



considerado. Autoavaliação: os estudantes irão mensurar seu engajamento com a realização do projeto, assim como sua aprendizagem.

